

Cibercultura e Lógica Singular: interatividade, cognição e decisões autorais¹

Eduardo Piedade²

Resumo expandido Painel Temático: Epistemologias decoloniais e cibercultura.

No artigo em sinopse, apresentamos efeitos das lógicas interativas – linear, exponencial e singular – sobre as práticas comunicacionais e gestoriais no contexto - dromológico, glocalizado e transpolítico – cibercultural, conforme nossa Tese defende no Programa de Estudos Avançados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2025).

Nela, identificamos como essas lógicas tensionam estruturas tradicionais de autoridade, comprometem a autonomia cognitiva dos sujeitos e influenciam os processos decisórios humanos.

A partir de observação participativa e aplicação do estudo dos regimes sociossemióticos propostos por Eric Landowski – programação, manipulação, ajustamento e acidente – o trabalho sistematizou a razão que simula uma inteligência universal, veloz e infalível, para assim, promover obediência dos sujeitos destinatários.

Conforme nossas argumentações, essa lógica se impôs sobre os modelos clássicos da razão matemática, desestabilizou a previsibilidade organizacional e submete tanto os ecossistemas autogerenciáveis – lineares – quanto os dos algoritmos – exponenciais – à silogismos.

A Lógica Singular, se apresenta como incontestável, atua como modeladora hegemônica, capaz de sequestrar a liberdade, a autoria e a capacidade crítica dos sujeitos.

Consequentemente, propomos a preservação da cognição autônoma, livre e autoral nas interações pessoais e corporativas, apresentamos a Metodologia ADMaplicada como manifestação que reafirma o papel das ciências da comunicação e da administração, na ordenação da sociedade.

O estudo, sob ótica ampliada, considera o contexto cibercultural, tipificado por dinâmicas saturadas para desenvolver reflexões e argumentações críticas sobre impactos das lógicas – linear, exponencial e singular – na interatividade humana, visto que, a pesquisa realizada, escrutinou conflitos discursivos com repercussões administrativas que fazem programas humanitários e modelos de negócios consagrados, colapsarem, serem suspensos ou até mesmo descontinuados.

No centro temático está a autonomia cognitiva, categorizada pela preservação da vontade e da consciência dos sujeitos interagentes, para compreender e interpretar as manifestações interacionais – individuais, coletivas ou corporativas – no contemporâneo.

¹ Trabalho apresentado no ET: Epistemologias decoloniais e cibercultura do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Doutor em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e endereço digital drepiedade@gmail.com

Ao observarmos a sociedade, independente do espectro do objeto ou delimitação do *corpus* – pessoa, população ou humanidade – que for categorizado, notamos indícios que reiteram afinidade eletiva, reconhecimento e aceitação do valor de uma inteligência.

Essa inteligência tem natureza universal e remete aos sentidos do que é veloz, confortável e presumidamente assertivo, que comparece multiforme, expresso em versões – biológicas, mecânicas ou cibernéticas – sob a mesma matriz e paradigmas recorrentes.

Na matriz, o destinador explora intervenções que instrumentam um arquétipo de padrão atemporal, essencial ou simbólico, equivalentes as expressões e guardadas certas especificidades, para considerar o mais apropriado para obter obediência do destinatário.

Os paradigmas inserem argumentações incontestáveis, tal e qual, o “porque sim” ou “porque eu estou falando”, que o idoso, nutrido do experiencial da vida, diz ao jovem, que o processamento de dados indica ao executivo e os algoritmos generativos prometem produzir como resposta exata a todos que nela depositarem dúvidas ou questionamentos.

Notadamente, as relações sociais, humanas ou corporativas, públicas ou privadas, são igualmente amplas e complexas, assim, nos pareceu apropriado seccionar o estudo e delimitar as justificativas, argumentações e conclusões desse artigo, ao que está intrincado com os pilares das ciências da administração, comunicação e sociologia compreensiva, bem como, às recentes – século XXI – postulações da semiótica dos sentidos e do social.

Dessa maneira, produzimos reflexões críticas, sem tangenciar vieses ideológicos, quer seletivos, exclusivos ou versados, para propor articulações sob ótica dos modelos de construção – linearizado, exponenciado ou singularizado – que possam contribuir com a preservação da liberdade autoral dos sujeitos nas interações em competência multimodal.

O objetivo é capacitar esses atores para que compreendam, interpretem e decidam, ainda que sobre impacto de pulsões hipermediáticas atrativas, sedutoras e dominadoras, com lucidez e qualidade autônoma.

Dito isso, nos servimos dos pilares científicos e postulações teóricas mencionadas, para escrutinar as amostras coletadas, sob um método de observação participativa, e após submetê-las a ótica dos regimes da sociosemiótica, produzir e compartilhar nossas inflexões e conclusão.

Nossas inflexões esclareceram e confirmaram o valor predominante e os sentidos reverberantes do que era pactuado entre líderes e liderados, automatizado em aplicativos ou singularizado em silogismos pressupostamente infalíveis, alusivos da soma de todo o conhecimento disponibilizado pela humanidade por meio de diferentes destinadores.

Os primeiros resultados apontaram e o aprofundamento do estudo confirmou prejuízos à liberdade de expressão e autoria identitária, especialmente dos sujeitos investidos de autoridade para decidir, mas também, dos destinados a obediência.

A cibercultura, na qualidade de recorte da era digital – 1950 à 2025 – e analisada à luz das postulações de A. J. Greimas e dos regimes sistematizados por E. Landowski, nos permitiu identificar e relacionar peculiaridades resultantes das interações entre os sujeitos estudados.

Nelas, a complexidade da rotina contemporânea insere interatividade em tempo real e experiências com espectro glocalizado, conforme E. Trivinho esclarece, portanto, sob impacto crescente da velocidade, com valor e sentidos imanentemente civilizatórios.

Tais rotinas, conforme conjecturou M. Weber, são dispersas nos influxos sociais, e segundo nossa apreciação, passaram a ser incorporadas ao contemporâneo por meio de comportamentos homogeneizados, estimulados por pulsões destinadas às pessoas em veiculações repetidas, que as tornam suscetíveis a promoção de alteridades que compreendemos, interpretamos e esclarecemos.

As pulsões reverberam conflitos recorrentes, motivados por modelos de lógicas distintas, conforme identificamos durante o desenvolvimento da pesquisa e se manifestam nas interações, sob forma de acidentes que precisam ser resolvidos ou programações e ajustamentos destinados a promoção da manipulação, compensados pelo benefício de uma assimilação rápida e confortável.

Outro elemento relevante nos remete a avaliação do nível de autonomia impetrada em cada interação, visto que os níveis de autonomia exurgem das conexões dos sujeitos e pode ser pactuada, autogerenciável ou sublimada de pressupostos, que disponibilizam até uma inteligência infalível, capaz de acomodar desconfortos e motivar os destinatários a subserviência cognitiva, a renúncia autoral e a obediência cega.

Após aferirmos que os modelos tradicionais de comunicação e administração eram tensionados pelas três lógicas interativas, passamos a perceber e confirmamos que elas se entrelaçavam, promovendo embreagens e debreagens – A. J. Greimas – saturadas do mesmo valor e de sentidos instrumentados sob semelhança reiterada pela cibercultura.

A instrumentalização da qual falamos visita as interações pessoais, populacionais e corporativas. Ela abarca simulacros, distintos ou similares aos que S. Ismail classifica de ecossistema interacional autônomo, movido por propósitos de transformação massivos – PTMs – que sucedeu a era da globalização econômica e abalou as organizações lineares.

O modelo de racionalidade linear tem gênese matemática, é, portanto, aderente aos sistemas objetivos, com arranjos sequenciais hierarquizados, consoantes com a maior parte das estruturas de exercício de autoridade universalizado pela humanidade, quer por meio da ciência e educação, dos sistemas políticos e de justiça, das áreas da saúde, economia e religião.

Consequentemente e igualmente impactados pelo *ethos* exponencial.

Os paradigmas tradicionais – lineares – são baseados e permanecem vocacionados a buscar previsibilidade e a organizar o exercício de autoridade legitimada pela tradição, carisma ou legalidade burocrática – M. Weber – para acomodar desejos, necessidades e interesses dos atores interagentes, mas a lógica exponencial tem propósitos transformadores, quebrou a previsibilidade e delegou as decisões à autonomia dos interesses das massas.

Da imanência desses propósitos massivos, organizações globais que simbolizaram o sucesso da revolução mecanicista, sucumbiram, bem como, representantes da era digital surgiram com uma dinâmica econômica elástica, no mínimo dez vezes – S. Ismail – mais veloz do que a

dinâmica linear. Isso quebrou a coluna vertebral do sistema de exercício de poder, alterou a forma com que as pessoas, colegiados e corporações se relacionam.

Os regimes de sentidos – E. Landowski – oferecem uma compreensão transversal, que articula o sensível ao inteligível das manifestações. Nele, a programação reverbera das regras e dos modelos preexistentes, a manipulação deriva de estratégias persuasivas, o ajustamento emerge da disposição sensível dos sujeitos interagentes, e, o acidente acusa ou expressa rupturas, contingências e eventos não controláveis que aspirarão reparações.

Na leitura de E. Landowski, compreendi que o sentido das coisas pode ser função da maneira como somos afetados ou reagimos a presença ou as manifestações dos outros. Assim, o regime semiótico da programação, em uma instituição educacional, se manifesta nos currículos, o da manipulação, por meio de incentivos e sanções, o do ajustamento na diversidade pedagógica, e o do acidente, nas experiências e contingências imprevisíveis.

O mesmo pode ser observado em instituições políticas, religiosas e sociais. Nelas, as interações passaram a ser mediadas eletronicamente, requerer novas compreensões e utilizar novas lógicas para a sustentação da autoridade ou exercitar a governança. O que, por decorrência, insere novos processos e formas e se comunicar e administrar no mundo.

Ao pesquisarmos os impactos da razão exponencial – conceituada por S. Ismail – na comunicação e gestão das organizações lineares, nos referenciamos nos argumentos de Idalberto Chiavenato e Peter Drucker, mas foi no intrincamento conflituoso de ambas as razões, que pudemos identificar o valor e os sentidos que fundamenta a estruturação sistemática da Lógica Singular.

Na governança pública ou privada, até o período ápice da globalização – 1990 – a razão linear predominou, e com ela, os processos ordenados, hierárquicos e controlados sob *ethos* do sensível e do inteligível apontados por M. Weber, I. Chiavenato e P. Drucker.

O objetivo linear é conduzir a economia à expansão estável, mas na lógica exponencial, como publicou S. Ismail, o alvo é construir ecossistemas digitais autogerenciáveis, com alcance viral, baseados em dados e transformações autônomas, tudo veloz, em tempo real.

A Lógica Singular (PIEDADE, 2025), exsurge da afinidade eletiva com valores consagrados pela cibercultura. Nela, o simulacro de haver uma inteligência universal, que supostamente acumula todo o saber disponível, passível de atualização em tempo real, de forma veloz, confortável e assertivo, depende, por isso, precisa ser percebido como infalível.

O pressuposto de infalibilidade é a pedra fundamental, sobre a qual está erguida a presunção da supremacia – Torre de Babel da Era digital – que busca legitimar a obtenção de obediência das populações que constituem a humanidade, supostamente sem violência.

Consequentemente, essa razão, de especificidade singular, articula a imposição e a submissão absoluta das demais lógicas, justificando-se pela natureza pressupostamente infalível, portanto, incontestável, sob imposição de interesses de um destinador anônimo.

Majoritariamente, o anonimato do destinador que articula a singularidade lógica, não está restrito a figura do enunciador ou do veículo de comunicação, mas sim, de quem orienta e patrocina a manifestação.

Portanto, independente da identificação do actante ou da mídia, o exercício dessa autoridade insere violência e dissimula as responsabilidades.

Tanto a velocidade da tecnocultura, escrutinada por P. Virilio, como as dromohabilidades esclarecidas por E. Trivinho precisarão ser consideradas para atender as exigências de inovação que as argumentações de P. Drucker recomentam aos gestores de maneira cíclica permanente, todavia, elas dependerão das decisões que todos tomamos.

Justamente por esse motivo, após a conceituação e sistematização – E. Piedade – da lógica singular, depositamos esforços para desenvolver contribuições para qualificar a cognição, motivar a criatividade, preservar a liberdade e garantir a autoria dos sujeitos, independentemente de qualificações, visto que o direito de decidir é dom da humanidade.

Toda a natureza reage em cumprimento ao seu papel existencial, mas o ser humano se diferencia pelos valores e sentidos que manifesta em cada ação, reação e interação.

Os resultados da Tese recortaram o contexto cibercultural das lógicas interativas, suas matrizes e reverberações, bem como, materializaram a Metodologia ADMaplicada.

Nela, pilares científicos e postulações teóricas alicerçam a coleta e seleção de dados, dos quais, análises, utilidades, tempos e possibilidades inseridos no contexto de cada decisão, são compreendidos e interpretados, para organizar, planejar, dirigir e controlar, como bem orienta a administração, todavia, sob cognição e autoria que preserva a racionalidade e vontade das pessoas.

Dito isso, concluímos que a Lógica Singular é força modeladora imperativa, que capacita para articular silogismos e manipular os modelos de racionalidade interativa linear ou exponencial, com competências para atrair, seduzir e sequestrar a liberdade, a autonomia e a autoria da cognição humana, por meio da instrumentalização do ideário inconsistente de ser uma inteligência criativa infalível, quando está, de fato, limitada aos saberes constituídos e as ações do sujeito programador.

Palavras-chave: ADMaplicada; Lógica Singular; administração; comunicação; e autoria.

Bibliografia

- CHIAVENATO, I.** Princípios de administração. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
_____. Teoria da administração. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- DRUCKER, P.** The Practice of Management. New York: Harper & Row, 1990.
- PIEIDADE, E.** Comunicação Exponencial e Organizações Cívicas na Era Digital: impactos da lógica interativa na governança de programas socioassistenciais. São Paulo: PUC, 2025.
_____. As organizações exponenciais e o universo cristão de corações abrasados. São Paulo: PUC, 2020.
- GREIMAS, J. A.** Da imperfeição. São Paulo: Estação das Letras, 2017.
- ISMAIL, S.; MALONE, S. M.; GEEST, Y. V.** EXOs. São Paulo: Alta Books, 2018.
- LANDOWISKI, E.** Presenças do Outro. São Paulo: Perspectiva, 2019.
_____. Interações arriscadas. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.
- TRIVINHO, E. R.** Glocal: Visibilidade midiática, imaginário bunker e existência em tempo real. Santos: Annablume, 2005.
_____. A dromocracia cibercultural. São Paulo: Paulus, 2007.
- VIRILIO, P.** Cibermundo: A política do pior. Lisboa: Teorema, 2000.
_____. Bomba informática. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- WEBER, M.** Os três tipos puros de dominação legítima. São Paulo: Ática, 2008.
_____. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Cia. Letras, 2004.